



COVID-19 NA ALC

BRASIL

PESQUISAS TELEFÔNICAS DE ALTA FREQUÊNCIA NA ALC, Fase II, Coleta I



Abril de 2022

O Brasil tem sido um dos países mais afetados pela pandemia da COVID-19 na América Latina e no Caribe. Em junho de 2021, era o país com a segunda maior taxa de mortalidade na região e o quarto em número de casos por milhão de habitantes. Os efeitos da crise de saúde foram amplos e ainda afligiam o país um ano e meio após a pandemia.

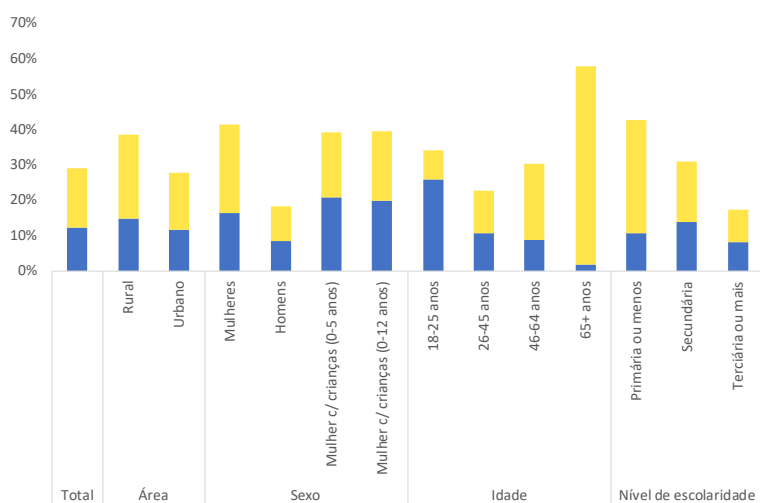
A pandemia afetou a população brasileira de forma desigual no mercado de trabalho, atingindo mais aqueles que já eram vulneráveis. No momento da pesquisa, a proporção de pessoas que relatavam não estar trabalhando após terem perdido o emprego que tinham antes da pandemia era de 29,1%. Essa proporção foi maior entre os idosos (57,8%), aqueles com nível de escolaridade primário (42,7%), mulheres (41,4%) e trabalhadores rurais (38,7%). Cerca de 58% dos trabalhadores que perderam seus empregos ficaram inativos, e a maioria dos novos inativos eram mulheres (68,9%). Ao mesmo tempo, 29,2% dos que estiveram inativos antes da pandemia entraram na força de trabalho durante a pandemia, embora um quarto deles ainda não tivesse encontrado um emprego em meados de 2021. As mulheres constituíam a maioria entre os novos ativos (64,3%). Além disso, a pandemia levou a um aumento da informalidade entre os trabalhadores que permaneceram empregados.

As dinâmicas no mercado de trabalho resultaram em uma renda total mais baixa para uma grande parte da população, apesar de transferências governamentais emergenciais terem atingido 51% da população. No momento da pesquisa, 44,6% dos domicílios brasileiros relatavam uma redução em seu nível de renda em comparação com antes da pandemia. Domicílios que possuíam poucos ativos, e, portanto, eram mais vulneráveis, eram mais propensos a terem vivenciados reduções de renda. Mais da metade (55,8%) deles reportou uma queda na renda total, embora 65,6% deles tivesse recebido transferências governamentais emergenciais.

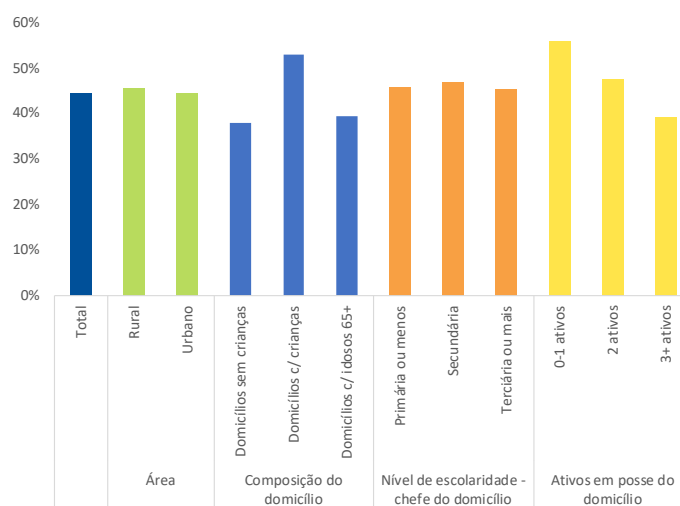
Perdas de renda se traduziram em níveis mais altos de insegurança alimentar. Cerca de 18,1% dos domicílios ficaram sem alimentos pelo menos uma vez nos 30 dias anteriores à pesquisa por falta de dinheiro ou outros recursos. Apenas 9,4% se lembravam de terem passado uma situação semelhante antes da pandemia. Maiores níveis de insegurança alimentar foram encontrados nos domicílios localizados em zona rural e com chefes menos escolarizados.

O acesso desigual à educação durante a pandemia pode se tornar um obstáculo à mobilidade intergeracional se não for abordado de forma eficaz. A nível nacional, 88,8% das crianças em idade escolar frequentavam a escola no momento da pesquisa, presencialmente ou virtualmente, mas apenas 68,5% tinham interação direta com um professor, de forma virtual (on-line) ou presencial, e apenas 40% frequentavam aulas presenciais. Essas proporções eram menores para crianças vivendo em domicílios com chefes com escolaridade primária. O fechamento de escolas também aumentou a carga de trabalho não remunerado no domicílio para os membros adultos. Além disso, arranjos intradomiciliares desiguais resultaram em mais mulheres do que homens relatando um aumento no tempo dedicado ao acompanhamento da educação dos filhos durante a pandemia (61,9% e 47,1%, respectivamente).

PERDA DE EMPREGO



DOMICÍLIOS (%) COM RENDA TOTAL REDUZIDA



■ % que teve emprego antes da pandemia e estava fora da força de trabalho ■ % que teve emprego antes da pandemia e estava desempregado

Fonte: Banco Mundial e PNUD - Pesquisas telefônicas de alta frequência na ALC, Fase II, Coleta I.

PRINCIPAIS RESULTADOS: INDIVÍDUOS (18+ anos)

	Trabalho		Cuidado de crianças		Saúde	Finanças
Distribuição entre grupos	% da população empregada (pré-pandemia) que perdeu o emprego	% da população inativa (pré-pandemia) que se tornou ativa (empregado ou desempregado)	% de trabalhadores formais (pré-pandemia) que se tornaram informais	% da população que passou mais tempo acompanhando a educação das crianças	% da população que não pretende se vacinar ou não tem certeza	% da população usando carteiras digitais
Total	29,1%	29,2%	12,0%	55,3%	2,6%	30,2%
Rural	38,7%	33,0%	21,9%	60,0%	3,1%	16,6%
Urbano	27,8%	28,6%	10,9%	54,6%	2,6%	32,1%
Mulheres	41,4%	27,8%	10,6%	61,9%	2,0%	24,7%
Homens	18,4%	32,0%	12,9%	47,1%	3,3%	36,2%
18 a 25 anos	34,3%	66,7%	14,5%	42,1%	2,8%	45,7%
26 a 45 anos	22,8%	50,3%	12,7%	61,7%	2,8%	37,8%
46 a 64 anos	30,4%	22,1%	9,9%	54,5%	3,3%	19,3%
65+ anos	57,8%	4,3%	11,2%	26,7%	0,1%	7,9%
Primária ou menos	42,7%	10,5%	15,5%	47,0%	4,4%	4,6%
Secundária	31,0%	34,1%	13,2%	54,2%	2,4%	28,4%
Terciária ou mais	17,2%	37,7%	8,3%	62,8%	2,1%	52,1%

Fonte: Banco Mundial e PNUD - Pesquisas telefônicas de alta frequência na ALC, Fase II, Coleta I.

PRINCIPAIS RESULTADOS: DOMICÍLIOS E CRIANÇAS

	Renda	Segurança Alimentar	Educação (6-17 anos)		Conectividade	
Distribuição entre grupos	% domicílios que relatam redução na renda total (atual vs. pré-pandemia)	% domicílios que receberam transferências emergenciais do governo durante a pandemia	% domicílios que ficaram sem comida (últimos 30 dias)	% de crianças em idade escolar que frequentaram a escola (presencial ou virtualmente)	% de crianças em idade escolar que interagiram com o professor (aulas presenciais ou on-line)	% domicílios que tiveram problemas com internet devido à má qualidade/ velocidade de acesso
Total	44,6%	51,0%	18,1%	88,8%	68,5%	44,6%
Rural	45,6%	62,5%	26,8%	90,9%	68,6%	50,6%
Urbano	44,5%	49,5%	17,0%	88,5%	68,5%	44,0%
Domicílios sem crianças (0-17)	37,9%	44,1%	11,8%	-	-	39,5%
Domicílios c/ crianças (0-17)	52,9%	59,7%	26,1%	88,8%	68,5%	50,5%
Domicílios c/ idosos(65+)	39,4%	42,1%	10,7%	85,8%	65,5%	42,8%
0-1 ativos	55,8%	65,6%	40,0%	82,6%	52,5%	45,5%
2 ativos	47,7%	59,0%	26,4%	86,0%	63,3%	46,4%
3+ ativos	39,3%	41,0%	6,0%	93,0%	77,4%	43,2%
Escolaridade chefe - Prim. ou menos	45,9%	66,9%	21,0%	80,6%	49,9%	43,4%
Escolaridade chefe - Secundária	46,9%	64,5%	18,8%	89,5%	60,7%	44,9%
Escolaridade chefe -Terc. ou mais	45,4%	39,5%	7,9%	94,9%	79,9%	47,8%

Fonte: Banco Mundial e PNUD - Pesquisas telefônicas de alta frequência na ALC, Fase II, Coleta I.

HIGH FREQUENCY PHONE SURVEY

O Banco Mundial e o PNUD realizaram uma Pesquisa Telefônica de Alta Frequência (HFPS) de duas etapas em 2021 para avaliar o impacto da pandemia do coronavírus no bem-estar das famílias latino-americanas e caribenhas. A primeira coleta de dados foi entre maio e julho de 2021, com representatividade nacional para 24 países: Antígua e Barbuda, Argentina, Belize, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Dominica, República Dominicana, Equador, El Salvador, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Santa Lúcia e Uruguai. Os dados para o Brasil foram coletados entre 26 de julho e 1º de outubro. A HFPS fornece informações sobre os impactos que as famílias experimentaram em relação à insegurança alimentar, mudanças no emprego, mudanças na renda, acesso a serviços de saúde e educação e mecanismos de enfrentamento. Os principais resultados sobre os efeitos socioeconômicos estão disponíveis no [painel global de monitoramento da COVID-19](#). Para mais informações, veja [Banco Mundial e PNUD \(2021\)](#).

Produzido pelo Banco Mundial e PNUD.

Contatos para informações adicionais:

Gabriel Lara Ibarra, Banco Mundial (glaraibarra@worldbank.org)

Katyna Argueta, PNUD (Katyna.argueta@undp.org; policyresponse.lac@undp.org)

